**Desenvolvimento socioemocional da criança: literatura infantil, a mediação de leitura e mediadores de leitura das bibliotecas comunitárias**

Dayanne de Jesus dos Santos**[[1]](#footnote-1)**

Joice Sabrina Andrade Santana Ramos**[[2]](#footnote-2)**

Gabriel Lopes de Santana**[[3]](#footnote-3)**

**RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo analisar como a Biblioteca Comunitária e suas atividades potencializam os aspectos socioemocionais das crianças. Dando base à pesquisa, conceituamos sobre os aspectos socioemocionais, a biblioteca comunitária e a importância da literatura infantil e mediação literária. Por meio da pesquisa de campo de abordagem qualitativa, através de entrevistas semi-estruturadas, coletou-se dados com mediadores de leitura de duas bibliotecas comunitárias situadas em bairros periféricos do Recife-PE. Conclui-se que a biblioteca comunitária potencializa o desenvolvimento socioemocional, através da literatura infantil e mediação de leitura, criando um espaço acolhedor que proporciona reflexões críticas sobre si e o mundo.

**Palavras chave: Aspectos Socioemocionais; Biblioteca Comunitária; Literatura Infantil.**

**1 - INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como objetivo analisar como a biblioteca comunitária (BC) contribui para o desenvolvimento socioemocional das crianças que a frequentam. Para isso, vamos identificar o perfil das atividades dos/as mediadores/as de leitura (ML) e suas impressões sobre possíveis repercussões das atividades no desenvolvimento socioemocional das crianças.

As bibliotecas comunitárias são espaços educativos presentes na cidade do Recife, sendo muitas vezes o “centro cultural” de comunidades periféricas por serem o único espaço multicultural que, através dos livros, oferta diversas atividades lúdico educativas no sentido de estimular a leitura literária. Além de ser um espaço de acesso à informação e à leitura, é um espaço de acolhimento, de socialização e lazer. Uma das atividades principais das bibliotecas comunitárias é a mediação de leitura. Esta mediação se dá de diversas maneiras, e sua principal função é aproximar potenciais leitores/as dos livros literários e assim, contribuir para a formação de leitores.

No acervo das bibliotecas comunitárias, se destaca a classificação “literatura infantil”. Através dela, os/as mediadores/as de leitura estimulam o interesse e a atenção das crianças para a leitura da palavra escrita, e desenvolvem, pela sua narrativa, a imaginação e a criatividade, impulsionando a aprendizagem no âmbito das linguagens escrita e falada, e ainda contribuem para ampliação do repertório cultural. É um momento socioeducativo que cria situações nas quais as crianças interagem com histórias, livros e pessoas.

Através da ação dos/as ML, que usam o acervo literário, e especialmente a literatura infantil, para desenvolver atividades de incentivo à leitura, a BC é um espaço em potencial para ampliar e tornar mais consciente as dimensões cognitiva e emotiva das crianças. Neste sentido, ela contribui para o desenvolvimento socioemocional dos leitores. Competências como o autoconhecimento, autocontrole, consciência social, empatia, gestão do estresse e o reconhecimento da diversidade, especialmente, são fatores fundamentais para socialização e aprendizagem. Ademais, Coelho (2000, p. 26) afirma que: “A criança através da Literatura Infantil entra no texto e viaja no mundo da fantasia e do questionamento, nesse sentido, a leitura pode ser vista, vivida, sentida, falada, ouvida e cantada".

Assim, as abordagens educacionais têm, a partir dos anos 80, privilegiado perspectivas que buscam entender os sujeitos em sua totalidade e defendem que os processos educativos podem ocorrer fora do ambiente formal de educação ou na inter-relação entre o formal e o não formal. Uma dessas abordagens é a sociocultural (SANTOS, 2005), de inspiração freiriana, que define o sujeito como ser concreto, objetivo, que é determinado e determina pelo social, político, econômico e individual. A partir do entendimento, suas experiências simbólicas e concretas constituem suas ações.

Santos (2005) ainda argumenta, baseado em Bordenave (1984), que, na abordagem sociocultural, o fenômeno educativo não se restringe à escola, mas a um processo interativo amplo de ensino e aprendizagem, inserido na sociedade. Desta maneira, pensamos que a BC pode ser um espaço educativo relevante que articula à literatura com diversas áreas do conhecimento, além de ser um espaço de acesso aos conteúdos formais presentes na escola, incidem, através de suas atividades lúdico-pedagógicas, na formação para o desenvolvimento de competências socioemocionais.

Assim, identificar e compreender o perfil das atividades dos ML das bibliotecas comunitárias e suas impressões no desenvolvimento socioemocional das crianças é relevante para nós, pois os ML são pessoas que criam as condições para fazer com que seja possível, prazeroso e significativo o encontro entre livros e leitores. De acordo com Petit (2008), um ML é aquele que aproxima o leitor dos textos, “contaminando-o” com a paixão pela leitura. Mesmo que sua intenção esteja focada no incentivo à leitura literária, sua ação pode repercutir para o desenvolvimento de competências socioemocionais.

Portanto, a BC pode ser entendida como um espaço educativo que contribui para o acesso à informação e à leitura, aspectos fundamentais para o fortalecimento da cidadania. Gohn (2010) afirma que os processos educativos podem acontecer fora da escola, em organizações sociais, movimentos sociais, etc. Assim sendo, a BC é, em algumas comunidades, juntamente com a escola, o principal espaço de acesso à informação e ao conhecimento, que atua na formação para leitura e escrita e no desenvolvimento socioemocional.

A atenção às competências socioemocionais é parte do conjunto de vivências e experiências pedagógicas das quais os ambientes educativos estão implicados em favorecer. No âmbito formal da política educacional, uma das referências neste assunto é a Base Nacional Curricular Comum (BNCC). A BNCC destaca que as competências socioemocionais na educação infantil (crianças de 0 a 5 anos) estão ligadas ao campo da experiência “O eu, o outro e o nós” e busca assegurar como direito de aprendizagem:

[...] condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidam a vivenciarem desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2018, p 40).

Esta colocação se aproxima do que expõe Goleman (2000) e Tacla (2014) sobre alfabetização emocional e os aspectos socioemocionais.

Os autores identificam que, além da relação objetiva com conteúdos formais de aprendizagem, a escola (e entendemos que qualquer espaço educativo) deve estar atenta ao desenvolvimento de aspectos sociais e emocionais dos sujeitos. Com esta compreensão, vamos identificar, a partir das impressões dos/as ML, as repercussões de suas atividades com livros de literatura infantil para o desenvolvimento socioemocional das crianças.

A escola e a BC são espaços educativos que, embora sejam diferentes em sistema e cultura, lidam com o desafio de formar leitores e de atender às demandas da comunidade por acesso à informação e ao conhecimento. A relação entre escola e comunidade, mais especificamente entre BC e escola, poderá ser uma estratégia eficaz para assegurar os direitos de aprendizagem que visam garantir experiências socioemocionais. A escola ou a biblioteca, isoladamente, não respondem a todas as demandas da comunidade. É preciso que haja uma sinergia, ou seja, uma ação conjunta que promova intercâmbios e troca de experiências (SANTANA, 2014).

Para identificar as impressões dos/as ML, entrevistamos mediadores/as de duas bibliotecas comunitárias, ambas localizadas na cidade do Recife. Como instrumento para entrevista utilizamos questionários semi estruturados, tendo sido essas realizadas de forma remota, utilizando plataformas como Google Meet e Zoom.

Uma questão que nos motivou a desenvolver este trabalho foi: Quais são os limites e as potencialidades da biblioteca comunitária como espaço educativo para o desenvolvimento socioemocional?

Optamos por dividir nossa fundamentação teórica em três eixos: Competências socioemocionais em educação; Biblioteca comunitária; Literatura infantil e mediação de leitura no desenvolvimento socioemocional da criança. Para embasar nossas discussões, autores/as como Santos (2003) e Cavalcante (2018) contribuem para refletirmos sobre o papel do mediador; Goleman (2000), Tacla (2014) e Brasil (2018), para refletir sobre competências socioemocionais e sua importância como elemento presente em espaços educativos; e, quanto à educação em espaços não escolares e bibliotecas comunitárias, Gohn (2010), Machado (2008) e Guedes (2010), respectivamente, nos trouxeram boas contribuições.

Em seguida, na metodologia, caracterizamos o campo de pesquisa e a abordagem escolhida. Logo após, a análise de dados apresenta os resultados das entrevistas realizadas, o qual buscamos conversar com nossa fundamentação teórica. Por fim, apresentamos as considerações finais da pesquisa com os dados já tratados.

**2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

2.1. COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS EM EDUCAÇÃO

O termo “aprendizagem socioemocional" foi definido no ano de 1994 em uma conferência que reuniu especialistas em saúde e educação no Instituto Fetzer (Michigan, EUA). Segundo Tacla (2014), desde então a aprendizagem socioemocional passou a ser entendida como o processo de aquisição e reforço de habilidades socioemocionais. Essas habilidades se referem a pensamentos, sentimentos e comportamentos que, segundo a autora, se agrupam em seis componentes:

- Autoconhecimento, diz respeito ao conhecimento das próprias emoções, valores, auto eficácia e limitações.

- Consciência social é o cuidado e a preocupação com as outras pessoas, bem como perceber a emoção do outro e aceitar sentimentos diferentes dos seus, apreciar a diversidade e o respeito ao próximo.

- Tomadas de decisão responsável, é conseguir identificar verdadeiros problemas, analisar e refletir sobre a situação;

- Ter habilidade de resolução de problemas por meio de atitudes baseadas em preceitos éticos, morais e com fins construtivos.

- Habilidades de relacionamento, é baseado na formação de parcerias positivas, pautadas pelo compromisso, pela cooperação, pela comunicação efetiva e pela flexibilidade na negociação de acordos, possibilitando que a pessoa trabalhe satisfatoriamente com conflitos que possam surgir, é saber solicitar e receber ajuda.

- Autocontrole, está relacionado a capacidade de autogerenciamento de comportamentos e emoções a fim de atingir determinado objetivo, orienta a motivação interna e, consequentemente, a disciplina e a persistência diante de desafios, podendo utilizar-se de ferramentas como a organização,o humor a criatividade (TACLA, 2014, pág. 49-50).

A conexão do eu com o outro e com a vida social, segundo Fernandes (2017), faz com que a criança crie vínculos afetivos e se desenvolva como sujeito. Esse relacionamento é fundamental para o desenvolvimento e se constitui como uma base para a formação do sujeito. E segundo Tacla (2014), as pessoas que estruturam satisfatoriamente as habilidades socioemocionais passam a apresentar mais senso de controle sobre suas vidas, tornando-se responsáveis por suas escolhas e adquirem um viver mais integrado, mais saudável e com melhor qualidade de vida. Assim, pensamos que os espaços educativos incidem não apenas sobre as aprendizagens curriculares formais, mas também sobre aspectos sociais e emocionais.

O conceito de emoção não é estático, existem várias discussões sobre o assunto: enquanto Goleman (2000) refere-se à emoção como sendo “um sentimento e aos raciocínios daí derivados, estados psicológicos e biológicos, e o leque de propensões para a ação”, para Mayer e Salovey (1999) as emoções são “estados de sentimento de curta duração, que incluem a alegria, raiva ou medo, e que misturam intensidades variadas de sensações de prazer-desprazer, excitação-calma entre outras”. Percebe-se que os autores articulam dimensões psíquicas e biológicas, nos levando a interpretar que as emoções também são constituídas a partir da relação entre os sujeitos e seus ambientes. As emoções pessoais estão intrinsecamente ligadas ao social. Neste sentido, Gomes (1989) afirma que, com o crescimento do indivíduo, as relações sociais e emocionais se fortificam, de modo a não ser recomendado separar os domínios cognitivos, sociais e emocionais.

Desta maneira, as competências socioemocionais são o conjunto de habilidades que o indivíduo tem e se constituem na interação entre o cognitivo, o social e o cultural. Estas habilidades se materializam na capacidade de trabalhar em grupo priorizando sociabilidade, respeito e atenção e ser ainda capaz de lidar com as emoções (NORA, et al, 2018).

Outra referência relevante para nossa discussão é a Base Nacional Curricular Comum que traz uma abordagem que nos interessa compreender, pois além de destacar competências socioemocionais, as colocam no contexto da educação básica que, para nós, ainda que não foquemos a escola, é relevante enquanto dispositivo teórico metodológico para refletir sobre seus limites e potencialidades no espaço educativo não formal.

Neste sentido, destacamos que, no campo de experiência organizadas pela BNCC, a relação entre “eu, os outros e nós” é um princípio fundamental para o desenvolvimento socioemocional, pois é na interação com outras crianças e adultos que as crianças estabelecem seus próprios comportamentos, sentimentos e formas de pensar, e descobrem outros estilos de vida, pessoas e perspectivas diferentes (BRASIL, 2018). Esta interação também irá formar opiniões, questionamentos sobre si e os outros, e através delas irão se distinguir e ao mesmo tempo se identificar como indivíduos em coletividade. Portanto, estes aspectos devem estar presentes nas práticas pedagógicas dos espaços formais, como escolas, e consideramos relevante refletir sobre eles em outros espaços educativos que não estão ligados à gestão pública governamental, como é o caso das bibliotecas comunitárias.

Deste modo, entendemos que o conteúdo sobre desenvolvimento socioemocional presente na BNCC (BRASIL, 2018) se articula com os referenciais teóricos apresentados neste trabalho nos ajudando a pensar no plano pedagógico, assim como alternativas para refletir sobre a importância da ação educativa das BC para o desenvolvimento socioemocional das crianças. A proximidade da biblioteca com a comunidade é um aspecto importante a se ressaltar, uma vez que se vincula a um sentimento de pertencimento e identificação, o que, ao nosso ver, favorece de forma mais efetiva aprendizagens, modos de socialização, formação cultural e proteção social.

Ao dar enfoque à biblioteca em nossos estudos, não excluímos a responsabilidade e a necessidade da presença do poder público, a exemplo das escolas, mas consideramos a BC como um espaço relevante na rede educativa da comunidade, podendo expandir oportunidades de democratizar o acesso ao conhecimento e à informação.

Esta ampliação cria possibilidades para que as crianças se formem, especialmente nas suas dimensões sociais e emocionais, pois são espaços onde elas frequentam muitas horas durante a semana. Assim, a ação destes espaços sobre as crianças se torna contínua, o que nos mobiliza a pensar sobre a importância da formação dos profissionais envolvidos, em especial, os/as ML, os quais estabelecem um elo através da literatura infantil e juvenil entre a criança e os objetos de conhecimento, o que possibilita a experimentação de espaços e situações, de modo que os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas sejam bem articulados (MENDONÇA E TAVARES, 2008).

2.2. BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

Utilizamos como fundamentação teórica em nossos estudos para entender as concepções de biblioteca comunitária e seu papel social, as seguintes referências: O Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) (2021) no que diz respeito aos órgãos públicos e no âmbito da academia Machado (2008), Guedes (2010), Prado (2010) e Horta e Rocha (2017).

Para o SNBP (2021), a biblioteca comunitária é um espaço de incentivo à leitura e acesso ao livro, sendo criada e mantida pela comunidade local, sem vínculo direto com o Estado. Este conceito nos mostra uma dimensão relevante para refletirmos sobre este espaço, que é a sua criação e manutenção pela comunidade local, sem vínculo direto com o Estado.

Segundo Guedes (2010, p. 1), as bibliotecas comunitárias são “[...] ambientes físicos criados e mantidos por iniciativa das comunidades", e possuem como objetivo principal ampliar o acesso à informação. Esse grupo-alvo ocupa comunidades que carecem de espaços culturais públicos, como salas de teatro e cinema, bibliotecas, museus, livrarias, galerias, etc.

Outra forma de compreender a BC é entendê-la como uma prática educativa e social, como afirmam Machado (2008) e Prado (2010), sendo uma reação da própria comunidade no combate às desigualdades de acesso à informação. A BC exerce uma função social que visa suprir as demandas de acesso à informação, cultura e lazer de grupos em contextos periféricos.

Ao tratar da educação não formal, Gohn (2006) afirma que:

A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo (p. 29).

A educação não formal transcende a questão das populações desvalidas ou restritas a determinados segmentos sociais, focando na formação cidadã através das práticas sociais, exortando a crítica e a reflexão. Como afirma Machado (2008, p. 50), são ambientes que “podem atuar como um espaço estratégico para implantação de políticas públicas de inclusão social e cultural”. A promoção da leitura e o acesso à informação são fatores fundamentais para o exercício da cidadania e as BC são espaços criados para atender a esta demanda. Neste sentido, a BC contribui para o crescimento pessoal e coletivo, uma ação por meio da qual os sujeitos atuantes se educam e se politizam. Por não ser um espaço formal de educação, sua intencionalidade compreende uma perspectiva de formação para os direitos humanos, de entendimento sobre estratégias de incentivo à leitura, juntamente a conhecimentos ligados às políticas públicas, especialmente de educação e cultura.

A proximidade da BC com moradores da comunidade é um aspecto diferencial que a coloca em um lugar de maior cumplicidade sobre as questões do próprio entorno. Assim, pressupomos que sua ação educativa se torna mais efetiva, e além da literatura e políticas ligadas aos direitos humanos, a biblioteca é um espaço de acolhimento social, e neste sentido, nos cabe refletir seu papel no desenvolvimento de competências socioemocionais.

Sobre esta questão, compreendemos que para efetivar tal desenvolvimento, é importante a construção de parcerias entre espaços educativos da comunidade e a escola, no sentido de estimular uma rede de cuidado, de desenvolver competências e habilidades para além da cognição e aprendizagem de conteúdos da matriz curricular formal.

Assim, a BC ao coletivizar o livro e a leitura, numa sociedade com tanta desigualdade social, cria situações em que as competências socioemocionais são enfatizadas através de reflexões sobre a literatura infantil. Portanto, sua finalidade pode ser ampliada e reconhecida também como um “espaço de acolhimento e vivência [...], com suas ações e serviços organizados com base na realidade e conhecimento local” (MACHADO, 2008, p. 51). As atividades de incentivo à leitura, especialmente aquelas que utilizam a literatura infantil, revelam dimensões diversas, como a formação para o gosto de ler e o despertar de habilidades e competências para socialização através da palavra. Vale ressaltar também que a BC, em sua autonomia de funcionamento, possui limitações e potencialidades dado que oferece o que está a sua disposição.

A partir do exposto, inferimos que as BC, enquanto organização popular, representam a luta pela democratização do acesso à leitura, à cultura e à informação, contribuindo para o fortalecimento da cidadania, da cultura local, da formação político cidadã, atuando também na valorização do sujeito em suas dimensões individuais - cognitiva, emocional, física, espiritual – e coletivas, ligadas aos direitos sociais, inserindo-se no campo de uma abordagem educacional próxima à abordagem sociocultural (SANTOS, 2005).

Apesar da sua potencialidade enquanto espaço educativo, a BC tem suas fragilidades. Uma delas, citada por Santana (2014), é a manutenção do espaço físico, pois muitas delas ocupam casas alugadas e espaços com a acessibilidade comprometida. Outra é manter a equipe com vencimentos adequados; a maioria trabalha de forma voluntária ou com baixa remuneração. Tais dificuldades podem gerar uma oferta precarizada no acesso à leitura, além de dificultar a manutenção de diversas atividades educativas ofertadas.

2.3. LITERATURA INFANTIL E MEDIAÇÃO DE LEITURA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL DA CRIANÇA

Uma educação que contribui para a formação de um indivíduo crítico, responsável e atuante na sociedade, como afirmam Santos e Primi (2014), prepara as crianças e jovens para os desafios do século XXI e cria condições para o desenvolvimento do ser humano de forma integral, considerando aspectos cognitivos, emocionais, sociais e espirituais.

Na sociedade há constante troca de ideias e informações que acontecem rapidamente, através de meios como a leitura, a escrita e as linguagens oral e visual. A literatura infantil pode ser, portanto, um ponto de partida nessa troca durante a infância, proporcionando um desenvolvimento emocional, social e cognitivo indiscutível. Segundo Abramovich (1999), quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara os sentimentos que têm em relação ao mundo. Essas narrativas trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medo, inveja, carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos.

De acordo com Vygotsky (1988) apud Arena (2012), o início da vida da criança é marcado pela intensidade do desenvolvimento intelectual, físico, emocional e moral, assim, ela passa a construir um processo de humanização. A criança, por estar inserida na sociedade, se apropria do mundo, reflete e aprende a atuar no mesmo. E uma forte ferramenta comunicativa a ser utilizada é a literatura infantil e a mediação de leitura, que a ajuda desenvolver sua cidadania, além de trabalhar com o lúdico através das narrativas, também auxiliando no avanço da criatividade infantil e de sua habilidade interpretativa.

Sendo assim, consideramos que a literatura infantil é um caminho que pode levar a criança a desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. Segundo Costa (2005), quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade dela se tornar um adulto leitor que sabe identificar e lidar com seus sentimentos.

Neste sentido, a BC por ser um espaço de democratização de livros de literatura infantil e da ação dos/as ML, se torna um lugar que potencializa as oportunidades de experiências no campo da linguagem e de processos referentes ao desenvolvimento socioemocional. A literatura em si, bem como toda cultura que questiona, faz com que o indivíduo pense, critique, observe. De forma objetiva, Coelho (p. 29, 2000) ressalta sobre a sua importância:

Na verdade, desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem [...]. No encontro com a literatura (ou com a arte em geral), os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade.

A literatura infantil é meio para auxiliar o desenvolvimento holístico do indivíduo, tendo sido apresentada como uma prática pedagógica aberta, permitindo a criança interagir de maneira ativa, participativa, abordando assuntos de modo desafiante e lúdico, fazendo-as refletirem sobre as diversas situações do nosso cotidiano, inclusive os que abordam os aspectos socioemocionais. Conhecer o mundo envolve afeto, prazer e fantasia, dessa forma, a literatura permite que as crianças criem conexões com suas narrativas e compreendam temas que nem sempre conseguimos discutir no cotidiano. Como afirma Santos (2003, p. 123), os contos infantis compreendem e abordam medos e amarguras, não tendo como objetivo assustar as crianças, mas sim ajudá-las a encontrar soluções para os problemas que enfrentam na vida real, as apoiando a adquirirem “a sua própria identidade, o seu crescimento físico, psíquico e afetivo”.

Para este apoio, destacamos a mediação de leitura como um modo de provocar a interação entre a literatura infantil e as crianças. Ainda sobre essa ação, identificamos no Glossário do CEALE (Centro de Alfabetização, Escrita e Leitura - UFMG) (2014), que se refere ao ato ou efeito de mediar, e que junto ao termo “leitura literária”, vai destacar diferentes práticas que envolve a aproximação entre leitores e textos literários.

Dentro dessa prática, alguns aspectos são ressaltados por Cavalcante (2018), como a influência na formação do gosto pela leitura, o desafio de ser um sujeito crítico, de manter uma comunicação afetiva e uma postura empática, devendo ser contemplativo, e criar uma atmosfera de encantamento. Além disso, a figura do ML busca potencializar reflexões que impulsionam o desenvolvimento socioemocional, afinal, promover esses aspectos significa realizar ações mediadoras intencionais para que os sujeitos construam vínculos saudáveis uns com os outros e consigo mesmo, sentindo-se também seguros a serem desafiados.

A percepção sobre a heterogeneidade do público numa mediação de leitura é outro fator importante destacado por Cavalcante (2018), podendo esta ser: as diferenças entre os indivíduos, seus valores e princípios, classes sociais, diferenças culturais e de escolarização. A ação do ML implica envolver potenciais leitores em um encontro que promova a representatividade, a diversidade, a empatia, diversas emoções, ideais de liberdade e respeito.

Portanto, a tríade literatura infantil - mediação de leitura - BC, acaba reverberando em diversas áreas, dentre essas está o desenvolvimento das habilidades socioemocionais nas crianças, e emerge como uma potência que irá agregar valor não só nesse campo educativo, mas em toda sociedade.

**3. METODOLOGIA**

O presente estudo visou analisar como a BC contribui para o desenvolvimento socioemocional das crianças que a frequentam. Para isso, buscamos identificar o perfil das atividades desenvolvidas na BC e as impressões que os/as ML têm sobre tais práticas e suas repercussões para a formação e desenvolvimento socioemocional das crianças.

A escolha da temática se deu devido nossa afinidade com o assunto, dado que nossa trajetória acadêmica sempre esteve entrelaçada com a literatura infantil e do desejo de nos aprofundarmos nas questões socioemocionais dentro da educação. Um dos campos de pesquisa selecionados se deu devido à vontade de uma das autoras de realizar uma pesquisa na biblioteca comunitária na comunidade a qual pertence e o outro espaço foi por indicação do nosso orientador.

Esta pesquisa se configura como sendo de natureza qualitativa (GOLDENBERG, 1997, p. 34), que busca compreender os limites e possibilidades da BC como um espaço para o desenvolvimento socioemocional através da literatura infantil e da mediação de leitura. O estudo mostrará parte da realidade da Biblioteca Comunitária 1, localizada no bairro da Madalena, e da Biblioteca Comunitária 2, na Ilha do Retiro, ambas localizadas na cidade do Recife – PE. Optamos por colocar nomes fictícios nas bibliotecas comunitárias por questões éticas envolvendo os sujeitos.

Para tal compreensão, realizamos entrevistas com ML, buscando informações que possam contribuir para identificarmos aspectos das atividades de mediação de leitura que possam nos dar subsídios para analisar sua relação com o desenvolvimento socioemocional das crianças que frequentam a biblioteca. Para a entrevista, desenvolvemos um roteiro de perguntas semiestruturado com objetivo de identificar e entender: as atividades de incentivo à leitura com literatura infantil no interior da BC, suas potencialidades e limitações para o desenvolvimento de competências socioemocionais.

Para Gil (1999), a entrevista é uma forma de interação social, um diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação, porém, ambos estão implicados na construção do conhecimento, sendo ambos sujeitos ativos no processo. Assim, visando manter esta natureza diante de uma realidade de pandemia, recorremos a ferramentas e plataformas digitais de interação, como o Google Meet e o Zoom, para realização das entrevistas.

Para análise das informações colhidas nas entrevistas, nos apoiamos na teoria da Análise de Conteúdo (AC). Sobre a Análise de Conteúdo, Bardin (1977), vai nos dizer que se trata de:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (p. 42).

Bardin ainda pontua sobre a importância de se utilizar da AC como método de análise, visando compreender o sentido da comunicação, e principalmente identificar onde o olhar aponta e que significados é possível identificar. O analista faz uma leitura para além da literalidade: ele realça o sentido que se encontra em segundo plano, identificando significados de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc., sendo assim, capaz de analisar as informações obtidas de forma mais aprofundada.

Para análise dos resultados das entrevistas, que compõem a parte qualitativa da pesquisa, primeiramente, foi feita a leitura flutuante e, em seguida, a exploração do material com as transcrições. A transcrição permite análise dos aspectos da entrevista, facilitando a agrupação dos dados através da criação de categorias (SZYMANSKI, 2002). Assim, após algumas releituras do material, criamos algumas categorias para análise do conteúdo: A literatura infantil como ferramenta que favorece o desenvolvimento socioemocional, práticas de mediação de leitura que contribuem para o desenvolvimento socioemocional dos usuários das Bibliotecas Comunitárias e a BC como espaço socioeducativo que potencializa o desenvolvimento socioemocional.

Desta forma analisamos a fala dos/as ML a fim de compreender os limites e potencialidades que a BC possui para, através da literatura infantil e da mediação de leitura, contribuir para o desenvolvimento das competências socioemocionais das crianças.

**4. ANÁLISE DA REALIDADE PESQUISADA**

Os dados recolhidos para análise foram a partir de entrevistas feitas com seis ML, três da Biblioteca Comunitária 2 e três da Biblioteca Comunitária 1, além de conversas informais com duas lideranças comunitárias e uma coordenadora da Biblioteca Comunitária 1 para identificar a história, as ações de um modo geral, horários de funcionamento, e atividades de mediação de leitura das bibliotecas comunitárias. No total foram ouvidos 9 sujeitos.

Para uma melhor compreensão, nesta análise iremos nos referir a Biblioteca Comunitária 2 como BC2 e a Biblioteca Comunitária 1 como BC1. Os mediadores de leitura entrevistados da BC2 serão referenciados como ML1, ML2, ML3, e, quanto os mediadores de leitura da BC1, serão referidos como ML4, ML5, ML6 para assegurar sua anonimidade dentro da fala..

Iniciaremos a análise identificando primeiro a BC2, que está localizada no bairro da Ilha do Retiro, onde desde 1996, a comunidade Caranguejo/Tabaiares é considerada uma área ZEIS (Zona Especial de Interesse Social) do Recife, composta por moradores ribeirinhos do rio Capibaribe. A biblioteca foi inaugurada no dia 11 de outubro de 2005, com um acervo inicial de 800 livros, doados pela Faculdade de Ciências da Administração de Pernambuco, a Associação Cultura Planeta, além de outras organizações como ETAPAS, Centro Josué de Castro, FASE, Escola Maria Goretti, incluindo moradores/as da comunidade. Atualmente a BC2 possui aproximadamente um acervo de 5000 livros. Com relação ao acervo de literatura infantil, os sujeitos entrevistados não souberam responder com exatidão o quantitativo.

A iniciativa de organizar a biblioteca partiu das lideranças comunitárias e um grupo de moradores, jovens em sua maioria, residentes na comunidade, engajados no entendimento de que a biblioteca seria muito importante para facilitar o acesso ao livro, despertar o interesse pela cultura letrada, desenvolver o prazer de ler e apoiar as pesquisas escolares dos estudantes.

Dentre as atividades de incentivo à leitura, vamos destacar a mediação de leitura, por se tratar de uma atividade de maior proximidade entre os sujeitos para o incentivo à leitura literária, e um dos focos de nosso interesse. Quanto ao funcionamento, as mediações na BC2 ocorrem de segunda a sexta, das 8h30 às 12h e das 14h às 17:30h - desde que haja criança no espaço.

A BC1, localizada no bairro da Madalena, na Comunidade Mangueira da Torre (Área ZEIS), foi inaugurada no dia 19 de outubro de 2019, através da iniciativa de um morador que via a necessidade da comunidade ter um espaço onde as pessoas pudessem crescer, pensar e construir uma nova realidade.

A BC1 funciona dentro da Associação de Moradores e foi organizada através de muitas parcerias. O horário de funcionamento da biblioteca é nas segundas-feiras das 14h às 17h, nas quartas-feiras das 8h às 12h e aos sábados das 9h às 12h. As mediações de leitura ocorrem também nestes horários. O acervo tem aproximadamente 2000 livros e seu público alvo são crianças e adolescentes. Sobre a Literatura infantil os sujeitos entrevistados, assim como na BC2, não souberam responder com exatidão o quantitativo.

Entre as duas bibliotecas, a composição da equipe de ML também se difere. Enquanto na BC2 a maioria dos ML são moradores/as da própria comunidade, na BC1, a equipe é composta por sua maioria de estudantes universitários (extensionista), que através de uma parceria com o curso de letras e pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi criada uma plataforma de extensão. Os ML, em ambas as bibliotecas, também são responsáveis pela seleção, catalogação e tombamento das obras literárias.

Para fins de análise do perfil dos ML, buscamos identificar algumas características, como faixa etária e formação, que denotam as experiências ou vivências na realização das atividades de mediação de leitura. Deste modo, identificamos que na BC2, dois dos três ML entrevistados têm mais de 40 anos, e um mediador tem 19 anos.

Na BC1 há também uma variação de idade considerável: os mediadores têm entre 19 e 30 anos. Essa variação de idade nos mostra que a BC é um espaço de atuação de diferentes gerações, logo interpretamos que nesse espaço há um potencial de trocas intergeracionais e de aprendizagens mútuas.

Quanto à formação dos ML, na BC2, dentre os três entrevistados (ML1, 2 e 3), ML 1 possui formação no curso de Pedagogia, ML2, é graduando de Serviços Sociais, além de ter o Magistério completo e ML3 tem o Ensino Médio completo e faz aulas de dança e teatro. Na BC1 (ML 4, 5 e 6) dois mediadores estão cursando Letras no momento e o outro ML informou já ter concluído Letras-Inglês, mas ter voltado para a faculdade para estudar Letras-Português. Identificamos que a maioria dos entrevistados possui formação de nível superior ou médio. Estes níveis de escolarização são relevantes para ação de mediação de leitura, pois supostamente, os sujeitos possuem habilidades de leitura e escrita, fundamentais para o incentivo à leitura literária.

Os ML da BC2 recebem formação sobre mediação uma vez na semana, sendo essa ministrada por professores da Universidade Rural de Pernambuco. O ML 1 com mais tempo de atuação na BC2 também alegou que na época da inauguração todos os voluntários receberam uma formação sobre mediação de leitura realizada pelo CEEL (Centro de Estudos em Educação e Linguagem) da UFPE. Enquanto que apenas o ML 4 da BC1 informou ter formação em biblioterapia e contação de histórias voltada para área hospitalar, os outros dois ML entrevistados da BC1 alegaram não ter uma formação extra e ter tido o primeiro contato com uma BC e mediação de leitura através do projeto de extensão que fazem parte da UFPE. Isso nos revela, portanto, que a busca por formações específicas em relação a mediação de leitura se inicia do próprio ML no detrimento do seu papel. Isto é, o próprio ML precisa entender sua função social para pensar ações de integração para o público da BC, levando a leitura para a vida deles e transformando o que foi adquirido em conhecimento aplicável ao cotidiano de forma intencional e planejada a fim de potencializar o desenvolvimento socioemocional.

No que concerne à categoria de práticas dos mediadores nas BC, isto é, sobre as atividades de mediação de leitura e suas ferramentas, especificamente a literatura infantil, destacamos a fala do ML 4 da BC1 que vai nos dizer como a literatura infantil colabora para o desenvolvimento socioemocional das crianças:

Eu acho que a literatura infantil dá ao leitor um senso de empatia muito grande de relação, de perceber relações que às vezes se você não tivesse tido contato com a literatura você não iria ter sensibilidade, sabe? [..] Cada um entende de si e olhe lá, mas a empatia de… de olhar pro outro com mais sensibilidade mesmo, né? Acho que é isso: o olhar com sensibilidade… acho que a literatura, inicialmente na infância e depois do resto da vida, ela vai te dando força pra abrir os teus horizontes assim e pra ganhar coragem para habitar esses outros horizontes que se abriram, né? Esses outros espaços foram ganhando terreno assim. Então acho que empatia, autonomia pra fazer, né? [...]

Em outras palavras, a literatura infantil tem sido apresentada como uma ferramenta de potência para tornar as pessoas mais sensíveis e empáticas, ou seja, se desenvolvendo socioemocionalmente (TACLA, 2014). Dentro desse poderoso espaço, a BC permite que as crianças interajam de forma ativa e lidem com os problemas de maneira desafiadora, permitindo-lhes refletir sobre diferentes situações. Além disso, através da literatura é possível trabalhar também a compreensão do mundo, sentimentos, ações e as relações humanas, tal como incentiva a compreensão de temas pouco discutidos.

Assim, com o auxílio dos contos infantis, a criança consegue compreender e discutir sobre medos e aflições, a fim de encontrar respostas para as suas adversidades, buscando sua própria identidade e crescimento pessoal e social (SANTOS, 2003, p.123). Dando, portanto, oportunidades de reconhecerem suas emoções e como lidar melhor com elas, pensando nas demais pessoas e na importância do diálogo para a resolução de problemas emocionais que ocorrem em nossa vida constantemente.

Analisamos no depoimento do ML 6 da BC1, que dada situação em mediação de leitura na BC, observou que na literatura por ele direcionada, a Fábula da Lebre e da Tartaruga, empregava uma carga de conteúdo que favorecia em sua linguagem, enredo, falas, bem como as expressões dos personagens, estimularam as criança em várias capacidades socioemocionais, apontada por Tacla (2014) como consciência social, de forma específica a empatia e apreciação a diversidade.

Uma vez, na história da lebre e da tartaruga, eu acho que a lebre ficava fazendo bullying com a tartaruga por ela ser muito lenta, então as crianças iam adivinhando aí uma menininha falou que aquilo era muito feio porque a lebre era muito maldosa e ela não devia fazer aquilo com a tartaruga. Tipo, ela sabia o que aconteceu, os meninos já sabiam o que ia acontecer, mas mesmo assim eles ficavam refletindo sobre a alegoria da história, sabe? De que você não deve ficar fazendo pouco caso das características dos outros, das fraquezas dos outros. Todos os gêneros são importantes, porém de todos que a gente trabalha as fábulas são muito impactantes para construção psicossocial da criança também, sabe? Tanto socioemocional como psicossocial da criança, então esse gênero eu acho muito construtivo [...].

Este trabalho de mediação de leitura com os livros infantis e suas respectivas metáforas, a partir do conteúdo das histórias, possibilitou a nomeação, a discriminação, a expressão de emoções e de sentimentos, além da mobilização na busca de formas mais adaptadas para resolver problemas e conflitos, tudo de forma lúdica e criativa. Santos (2003) também afirma que a objetividade desses tipos de conto está intimamente ligada com a realidade, abordando temáticas que acontecem na vida do sujeito. Além da literatura infantil, o ML fala sobre um gênero textual, a fábula, que repercute nos aspectos socioemocionais por transmitir uma lição de moral em seu enredo. Isso é um indicador de que BC é um espaço para que o ML, através da mediação de leitura, potencialize o desenvolvimento socioemocional, assim como o ML 5 da BC1, expôs em seu discurso:

[...] Eu acredito que talvez seja muito do cargo do texto fazer isso, eu acho que é de quem está lendo, sabe? É da pessoa que tá lá mediando a leitura, ela vai lá e fala assim: Olha, visse o que Joãozinho fez e fez isso e tratou tal pessoa desse jeito? Você acha certo fazer isso? Aí a criança: Acho ou não acho! Aí você vai pra criança: Mas então você faria isso? E a partir disso vai trabalhando os aspectos nele, o social e emocional da criança. Então acredito que a literatura é a ferramenta, mas quem faz o trabalho é quem está mediando também.

Logo, o ML, utilizando da literatura infantil, construiu um ambiente seguro dentro da BC, criando uma abordagem de fazer a mediação mais direcionada a questionar aspectos sociais e emocionais. Essa abordagem incidiu no desenvolvimento socioemocional relacionado à consciência social e resolução de problemas. Segundo Tacla (2014), tais habilidades são relacionadas a estabelecer relações saudáveis e gratificantes com diversos grupos de indivíduos; com a comunicação clara, escuta ativa, cooperação, ou seja, uma negociação construtiva em conflitos e ajuda àqueles que precisam. E assim, através de suas ações de mediação as bibliotecas assumem, portanto, uma configuração enquanto “dispositivos estratégicos de transformação de consciências'' por meio da palavra (PINTO, 2013, p. 24).

Ou seja, há uma autorregulação, destacada por Tacla (2014) e Brasil (2018), na criança para estar no espaço da BC como não apenas um usuário, mas também como agente transformador e consciente da sua própria realidade e da realidade dos demais. Portanto, a ação de mediação de leitura exerce uma influência sobre tal no desenvolvimento dessas habilidades, pois por vezes eles serão o elo da criança com o livro, que neste contexto é a principal ferramenta utilizada para o desenvolvimento socioemocional, em especial para aqueles que ainda não foram alfabetizados, como também é importante que questões relacionadas ao socioemocional sejam discutidas cada vez mais dentro dos espaços educativos, como as bibliotecas comunitárias, pois saber como lidar com as emoções, torna as crianças mais conscientes socialmente e mais equilibradas, harmonizadas em suas emoções, e só trará benefícios para a sociedade.

O que direciona ao último ponto de análise da pesquisa, no que se refere a potencialidade da BC para o desenvolvimento socioemocional, pois para além de ser um espaço educativo, de formação leitora e disseminação de cultura, ele se torna um lugar de acolhimento, onde ​é possível repensar o mundo e seus sentimentos diante da mediação da leitura (GUEDES,2010). Como ilustra a ML 1 da BC2 em seu depoimento:

[...] Eu tenho exemplo de uma senhora que ia passando na biblioteca, ela estava chorando na frente da biblioteca. Então eu pedi pra que ela entrasse e ela entrou, se sentou e comecei conversar primeiro com ela. Perguntei o que aconteceu né? Então peguei um livro e comecei mediar a leitura, começamos um diálogo então foi daí que ela conseguiu falar que estava indo ao encontro de um suicídio nesse dia e quando ela entrou na bIblioteca ela se sentiu segura, sentiu um acolhimento, então daí conseguimos inverter o que ela queria fazer.

A fala nos mostra que a BC2, por meio da literatura infantil e da mediação de leitura, deu subsídios para um morador da comunidade em seu entorno, que estava passando por uma situação de grande sofrimento pudesse vir a encontrar um ambiente de escuta e afetividade. Isto é, a BC possui uma grande importância para o meio no qual está inserida, que a coloca em um lugar de associação com as questões dos moradores da comunidade, afinal, as bibliotecas comunitárias, nos contextos dos locais em que estão inseridas, são ocupações, resistências, nesses espaços segregados tão difíceis quanto o próprio existir (SILVA et al, 2019). Ainda em seu discurso o ML 1, atesta como o espaço da BC, em seu caráter educativo, é visto como espaço de afetividade e de liberdade de expressão, logo, um ambiente em potencial para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais,

[...] Às vezes elas[[4]](#footnote-4) vêm buscar na biblioteca um refúgio, ela vem buscar um carinho, buscar um amor, um cuidado, um olhar para elas, entendeu?

E o ML 3 da BC2 traz por fim uma exemplificação dessa potencialidade de habilidades dentro deste contexto de escuta e afetividade na BC, como o autoconhecimento, que diz respeito ao conhecimento das próprias emoções, e na gestão de relacionamentos, que é capacidade de ter relacionamentos positivos com diferentes pessoas, de comunicar, ouvir e cooperar com o outro (TACLA, 2014).

Eu posso trazer até como um exemplo uma criança que um dia ela estava conversando comigo, né? É porque a gente conversa antes de começar a mediação de leitura, a gente sempre pede pra eles falarem um pouquinho sobre eles. Sobre a vida deles, sabe? [...] Ele chegou pra nós e eu estava ele como mediadora, ele chegou pra gente e falou: Oi tia, eu quero dizer algo que nesse final de semana eu fiquei triste, o meu pai saiu de casa e foi embora [...] Então eles trazem isso pra gente, né? Aquilo que eles vivenciam dentro da família, né? Com relação aos pais, irmãos, né? [...].

As experiências do cotidiano das realidades analisadas, mostraram através dos discursos dos ML voluntários das BC, que os usuários desses espaços desenvolvem as habilidades socioemocionais referidas, como a criticidade, a autonomia, a criatividade, a atitude colaborativa e a comunicação, levando-os a um pensamento mais reflexivo e coerente na condução de suas atitudes no dia a dia dentro desses espaços.

**5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A sociedade está em constante transformação, assim como a educação, e em consequência as relações humanas acompanham essas mudanças, contudo as pessoas estão sentindo cada vez mais dificuldades de se relacionar umas com as outras e também consigo mesmas, e isso acaba se refletindo em todas as áreas de suas vidas.

As relações são tecidas de sentimentos e atos, que se porventura não forem processados da maneira certa, podem desencadear cenários labirínticos, vindo a ser um desafio para a sociedade de uma forma geral. A literatura infantil se apresenta neste quadro, conforme exposto, como um meio para que as crianças entrem em contato com várias emoções, opiniões, circunstâncias, culturas e assim possam iniciar um processo de autoconhecimento, identificando suas emoções, modulando-as e desta maneira, gerenciando seus relacionamentos de forma balanceada.

Dentro desse contexto, o ML entra como figura importante mediando não só a leitura, mas também diversas situações que ocorrem na BC, como por exemplo, crianças com problemas familiares ou até desentendimentos entre elas. Tendo isso em mente, é extremamente necessário que o mediador tenha clareza na sua função social para que ele consiga realizá-la de maneira plena.

Portanto, cabe ao ML pensar ações para integrar seu público ao ambiente da biblioteca, e, através da mediação e a literatura infantil, impulsionar as crianças a desenvolverem habilidades socioemocionais, transformando aquilo que foi adquirido em conhecimento aplicável.

Ao longo da pesquisa pudemos perceber que, apesar de alguns mediadores não terem experiência numa BC ou formação universitária, eles conseguem ser muito mais do que agentes que potencializam a formação do leitor: eles despertam inquietudes de forma a tornar essas crianças sujeitos autônomos, capazes de exercer por si próprios o direito de crítica e de liberdade. Através de suas ações planejadas, a partir do contexto social em que as crianças estão inseridas, os ML alcançam de forma mais direta o indivíduo que está ali, seja pelo canal de escuta aberta, pelo acolhimento, pelo afeto, cuidado ou através de debates que gerem uma reflexão crítica sobre determinada ação ou sentimento.

Sendo a biblioteca comunitária, portanto, um local que potencializa o desenvolvimento das habilidades socioemocionais das crianças através da literatura infantil e da mediação literária. Dentro desse espaço os jovens conseguem ter mais clareza das suas individualidades, necessidades, sentimentos, desejos e angústias, abrindo um caminho para que eles possam reescrever suas histórias e refletirem criticamente sobre sua realidade.

Entretanto, vale ressaltar que a BC não é o único espaço privilegiado onde as crianças podem desenvolver tais habilidades. Por ser um espaço educativo ele catalisa esse desenvolvimento, porém é necessário que a tríade família-escola-BC ande de mãos dadas, alinhada em prol do bem da criança para que essa construção venha a se dar de forma absoluta. Entre os limites da biblioteca comunitária para o desenvolvimento socioemocional da criança, encontramos, por exemplo, o êxodo de adolescentes a partir de 13 anos que perdem o interesse nas atividades da BC e também a pouca formação dos mediadores de leituras atuantes, mas é necessário que esses desafios sirvam de combustível para a biblioteca possa alcançar lugares ainda não conquistados, sendo mais uma vez resistência.

**6. REFERÊNCIAS TEÓRICAS**

ABRAMOVICH, F.*Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5º edição. São Paulo: Scipione, 1999.

ARENA, D. B. “A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita”. In: SOUZA, R. J. [et al.]. *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. p. 13-44.

BORDENAVE, J. E. D. A opção pedagógica pode ter consequências individuais e sociais importantes. *Revista de Educação AEC*, no 54, 1984, pp. 41-5.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BARDIN, Laurence.*Análise de conteúdo***.** Lisboa: Edições, 1977.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia.*Mediação da Leitura e Formação do Leitor*. Fortaleza: Curso de Formação de Mediadores de Leitura, 2018.

COELHO, Nelly Novaes.*Literatura Infantil — Teoria, análise, didática*.São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Marte. *Literatura Infantil*. Curitiba. IESDB Brasil S. A., 2005.

FERNANDES, Mariana Duarte da Costa.*A Importância da Literatura Infantil no Desenvolvimento Socioemocional das Crianças*.79 p. Dissertação de mestrado em m Educação. Coimbra. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/23137>. Acesso em: 10 jun. 2021.

GILL,Antonio Carlos**.** *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*.5ed. São Paulo: Atlas, 1999.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL,Maria da Graça Costa, BREGUNI, Maria das Graças de Castro (orgs). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/>. Acesso em 11 jun. 2021.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.* São Paulo: Cortez, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal na pedagogia social. *I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL*, 1, São Paulo, 2006.

GOLEMAN, D.*Inteligência emocional*. Lisboa: Temas e Debates, 2000.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, M. F. *Aprendizagem afectiva*. Em C. Rodrigues, J. M. Teixeira, & M. F. Gomes, Afectividade (pp. 109-120). Porto: Contraponto, 1989.

GUEDES, R. de M. *Bibliotecas comunitárias e espaços públicos de informação.*Belo Horizonte: UFMG, 2010.

HORTA, N. M.; ROCHA, F. S. F.Bibliotecas Comunitárias: organização sociocultural e instrumento para a democratização do acesso à informação e para a valorização cultural.*Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. São Paulo, v. 13, n. esp., p. 1781-1797, 2017. Disponível em: . Acesso em: 7 jul. 2021.

MACHADO, E. C. *Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil.* 2008. 184 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MAYER, J. D.; SALOVEY, P.. “O que é inteligência emocional?”Em P. Salovey, & D. J. Sluyter, *Inteligência Emocional da Criança* (p. 15-53). Rio de Janeiro: Campus, 1999.

MENDONÇA, M. A.; TAVARES, H. M.. *Afetividade: O fio condutor na educação infantil.*–Uberlândia: Faculdade Católica de Uberlândia, 2008. XII p.

NORA, T. V. D. et al.A percepção do docente acerca das competências socioemocionais do sujeito criança a partir da metodologia Impare educação. *Anais do III Congresso Internacional Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura*. 2018, p. 310-316.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público.* São Paulo: Editora 34, 2014.

PINTO, L. P. “Bibliotecas comunitárias: dispositivos de ação”. In: PINTO, F. A. *Dispositivos culturais e espaços de memória*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013, p. 24-39**.**

PRADO, G. M. *A biblioteca comunitária como agente de inclusão/integração do cidadão na sociedade da informação.* Inclusão Social, v. 3, n. 2, 2010.

SANTANA, Gabriel Lopes de. *Escola em rede: bibliotecas comunitárias e as demandas sobre a gestão escolar.*Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco – Recife - PE, 2014.

SANTOS, D., & Primi, R. *Desenvolvimento socioemocional e aprendizado escolar: uma proposta de mensuração para apoiar políticas públicas.* Relatório sobre resultados preliminares do projeto de medição de competências socioemocionais no Rio de Janeiro. São Paulo: OCDE, SEEDUC, Instituto Ayrton Senna, 2014.

SANTOS, M. J. “Do conto infantil à linguagem dos afetos*”.* In: F. L. Viana, M. Martins, & E. Coquet. *Leitura, literatura infantil e ilustração: investigação e prática docente* (pp. 121-123). Braga: Centro de estudos da criança- U.M., 2003.

SANTOS, R. V.*Abordagens do processo de ensino e aprendizagem.*jan/fev./mai. 2005. ANO XI 40.19-31.

SILVA, Francisco R. do N. *Rede de afetos: práticas de re-existências poéticas na cidade de Fortaleza (CE)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECA PÚBLICAS. *Tipos de Biblioteca.*<http://snbp.cultura.gov.br/tiposdebibliotecas/> Acesso em: 07 ago. 2021.

SZYMANSKY, Heloísa (org). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Editora Plano, 2002.

TACLA, Cristiane et all. “Aprendizagem sócio emocional na escola*”*. In: Gustavo M. Estanislau, Rodrigo Alfonseca Bressan (Organizadores). *Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

1. Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. dayanne.jesus@ufpe.br [↑](#footnote-ref-1)
2. Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. joice.ramos@ufpe.br [↑](#footnote-ref-2)
3. Pedagogo, doutorando em Educação – UFPE. gabrieldesantana@gmail.com [↑](#footnote-ref-3)
4. Elas = As crianças. [↑](#footnote-ref-4)